



HERANÇA BENDITA

06/06/2006



Certamente, não é por coincidência que o presidente Lula começou a fazer promessas para melhorar a qualidade da educação, e o candidato tucano Geraldo Alckmin passou a citar o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como o pai dos programas sociais como o Bolsa Família. Cada um está fazendo campanha com base nas pesquisas qualitativas que revelam o estado de espírito do eleitorado. Acesso parece ser a palavra-chave para se entender por que o eleitorado de Lula parece estar em estado de graça. Mas esse acesso traz com ele a vontade de ir mais longe, e o fracasso das políticas educacionais e de saúde do governo Lula aparecem nas pesquisas qualitativas como pontos fracos do governo, que não garantem um futuro competitivo aos mais pobres. Por isso Lula voltou a falar num programa de instalar internet com banda larga nas escolas públicas.

O ministro das Relações Institucionais, Tarso Genro, acha que é simplista atribuir a popularidade do presidente simplesmente às vantagens proporcionadas pela política econômica. Ele acha que existe um fenômeno mais amplo, de sentimento de participação no governo dos historicamente excluídos, que explica com mais clareza o processo que está em curso nas camadas mais pobres da população. O que ele chama de "plebeização" da política.

Mesmo que seja esta a sensação, a de ser o sujeito das políticas públicas, ela vem acompanhada de fatos, como o aumento do poder de compra. Segundo estudos do economista Ricardo Paes de Barros, o poder aquisitivo dos 10% mais pobres da população subiu 16% em 2004. O economista, um estudioso da distribuição de renda no país, chega a dizer que o crescimento da economia para a população mais pobre é como se ela vivesse na China.

O economista Sergei Soares, do Ipea, referindo-se a uma pesquisa em processo no instituto e que deve ser finalizada em agosto, diz que os 20% mais pobres estão tendo um crescimento de renda anual de 7% nos últimos anos, e também faz comparações com a China. Segundo dados iniciais dessa pesquisa, o programa Bolsa Família é responsável por 1/3 da queda da desigualdade verificada entre 2001 e 2004, embora tenha sido criado em 2003.

O presidente Lula comemorou os resultados da Pnad 2004 dizendo que a desigualdade começou a diminuir no país depois de 20 anos. Não é isso que as estatísticas mostram. A partir de 2001, fruto da chamada "rede de proteção social" criada pelo governo de Fernando Henrique, a desigualdade vem caindo no país.

É verdade que desde 1995, no segundo ano do Plano Real, a pobreza não caía tanto no Brasil, e que 2004 foi o menos desigual dos últimos 20 anos. Mas o índice de Gini, que mede a concentração de renda nos países, mostra uma tendência consistente de melhoria nos últimos dez anos. Variando de 1 a zero, quanto menor o índice de Gini, menos concentrada é a renda.

Em 1990, nossa nota era 0,60. No meio dos anos noventa caiu para 0,58 e em 2001 atingiu 0,56, para retroceder em 2004 a 0,576. No relatório de 2005, que será divulgado este ano, com base no crescimento de 2004, o índice deve melhorar sensivelmente, o que dará um bom mote eleitoral.

Quer dizer, o que está ocorrendo hoje se deve a um processo que teve início lá atrás, com o Plano Real e, no segundo governo Fernando Henrique, quando, com a adoção do câmbio flutuante, iniciou-se o programa de equilíbrio fiscal da gestão pública. Uma verdadeira "herança bendita", que está dando seus frutos hoje, turbinada pela decisão do governo Lula de esquecer um pouco o equilíbrio fiscal neste ano eleitoral e ampliar a Bolsa Família para 11 milhões de famílias.

Estudos do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do Ibre-FGV, mostram que as maiores quedas de pobreza no país aconteceram em anos eleitorais: 2002, 1994 e 1986. Nos dois primeiros, tivemos o Plano Real e a aceleração dos programas sociais para beneficiar a candidatura de José Serra à Presidência, e em 86 o Plano Cruzado de Sarney. Em 2002, o desgaste dos oito anos de governo FH e uma bem sucedida campanha oposicionista do PT anularam os efeitos eleitorais a favor do candidato governista.

Mas, dando continuidade ao programa econômico que prometera mudar, e aprofundando as políticas sociais, que passaram a ter um cunho mais assistencialista do que inclusivo, até mesmo pela abrangência muito maior, o governo Lula vem conseguindo superar a oposição, baseada até agora principalmente nas acusações de corrupção, a mesma receita petista que deverá durar outros quatro anos caso Lula venha mesmo a se reeleger.

Está aí, também, a razão de o candidato tucano Geraldo Alckmin ter tirado do baú referências ao ex-presidente Fernando Henrique que, tal qual Serra em 2002, ele evitava citar. Uma maneira de garantir ao eleitorado mais pobre a continuidade dos programas sociais, e de assumir sua paternidade.

Jornal: O GLOBO
Editoria: O País
Edição: 1
Coluna: Merval Pereira
Caderno: Primeiro Caderno

Autor:
Tamanho: 831 palavras
Página: 4
Seção: